

dos grupos indígenas se afastou ainda mais para as cabeceiras dos rios. Os grupos Tunayana e Katuena que ocupavam o interior do rio Turuni e o alto rio Trombetas lá ficariam, sem quase nenhum contato direto com os brancos até os anos de 1960. Já os grupos do complexo Kaxuyana-Kahyana (habitantes de cursos do médio rio Trombetas, tais como os rios Cachorro, Ambrósio, Kuhá, Kaspakuro, Yaskuri) sofreram duros abalos demográficos em função, sobretudo, das doenças trazidas pelos quilombolas (ou “mocambeiros”, como foram descritos pelos viajantes e administradores). A partir da década de 1960, três frentes missionárias atuaram na região num processo de desterritorialização e deslocamento dos indígenas do seu lugar tradicional de habitação: uma delas, composta por uma frente missionária evangélica americana, deslocou parte da população indígena (sobretudo, grupos Tunayana, Katuena e Tikiyana) para o sul do Suriname e o sul da Guiana; a segunda delas, composta por uma frente católica franciscana, deslocou outra parte (sobretudo os grupos Kaxuyana e Kahyana) para o norte da Terra Indígena Parque do Tumucumaque (na fronteira do Brasil com o Suriname); e a terceira delas, composta pelos missionários do *Summer Institute of Linguistics*, deslocou outra parte de índios Kaxuyana para o rio Nhamundá. Nos dois primeiros tipos de deslocamentos, os índios Tunayana, Katuena e Kaxuyana foram viver numa terra estrangeira, habitada na maioria pelos Tiriýó, grupo com o qual tinham uma certa distância cultural e histórica. No terceiro tipo de deslocamento, os índios Kaxuyana foram viver na TI Nhamundá-Mapuera, habitada também por um povo com o qual tinham pouca relação cultural e histórica: os índios Hixkaryana. Porém, a terra tradicionalmente habitada no médio rio Trombetas (que corresponde à parte da Terra Indígena ora delimitada) nunca ficou totalmente desocupada, seja porque no seu interior sempre estiveram presentes os grupos isolados, seja porque sempre foi local de acampamentos para pesca, caça e coleta dos índios do rio Mapuera que visitavam e ainda visitam seus parentes no sul do Suriname. Além disso, a terra ora delimitada voltou a ser reocupada de forma mais intensa a partir do final da década de 1990, com a fixação de moradias dos índios Kaxuyana, Tunayana, Kahyana e Katuena (que tinham sido deslocados nas duas décadas anteriores) em seus lugares tradicionais de habitação no rio Cachorro, rio Turuni e médio Rio Trombetas.

II - HABITAÇÃO PERMANENTE:

Os grupos indígenas que habitam a Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana utilizam áreas de moradia permanente, caça, pesca e coleta no médio rio Nhamundá e nos principais afluentes do médio rio Trombetas. Além dos grupos indígenas isolados, há um total de 17 aldeias. A habitação permanente destes indígenas, concentra-se nas seguintes porções: i) médio e alto rio Trombetas: aldeias Kaspakuru, Turuni e Ayaramã; ii) rio Cachorro: aldeias Chapéu e Santidade; iii) baixo rio Mapuera: aldeias Tawaná, Yawará, Mapium, Takará e Paraíso; iv) médio rio Nhamundá: aldeias Belontra, Cupiúba, Areia, Torre, Gavião, Matrinchã, Cafezal. Estas aldeias são, quase todas, compostas por indígenas de etnias diferentes: i) médio rio Trombetas: grupos Kahyana e Tikiyana; ii) rio Cachorro: grupo Kaxuyana; iii) médio e alto rio Trombetas: grupos Tunayana e Katuena; iv) baixo rio Mapuera: grupos Tikiyana, Katuena, Xereu-Katuena, Xereu-Hixkaryana e Mawayana; v) médio rio Nhamundá: grupos Kaxuyana, Kahyana e Xereu-Hixkaryana. Porém, o local onde se situa cada aldeia define, de certa maneira, o pertencimento de um indivíduo a um grupo étnico. Assim, por exemplo, os moradores do rio Cachorro são classificados como Kaxuyana, os do rio Turuni são classificados como Tunayana ou Katuena. Há uma intensa circulação de pessoas entre estas diversas aldeias, motivada seja pela rede de alianças matrimoniais, seja pela realização de festas e rituais. Desta forma, na Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana há uma unidade cultural articulada inextricavelmente a uma unidade territorial. De acordo com a tradição cultural, os grupos e as aldeias estão em processo constante de fusão ou composição e de fissão ou dissolução. Toda aldeia nova é fundada num local exato ou próximo ao qual, no passado, situava-se outra aldeia do grupo. Com isso, toda aldeia na Terra Indígena é um sítio arqueológico, já que ali podemos encontrar uma grande quantidade de vestígios da população ou grupo indígena habitante anterior: machado de pedra, painéis de barro, raladores de mandioca, trempes para fogueira etc. A extensão dos vestígios de ocupação indígena na área é fruto de um padrão tradicional de habitação: antes de abrir uma nova aldeia, os índios abrem uma roça, esperam os frutos e plantas amadurecerem (sobretudo a mandioca, a planta domesticada mais importante na alimentação daquela população), e só depois, do lado da roça, constroem suas casas. O tempo de permanência da população numa aldeia tradicional é relativamente muito curto: varia entre 04 e 12 anos. Os motivos para a mudança são vários, entre eles o estado de envelhecimento das casas, a infestação de insetos nas roças, a morte de algum membro importante da aldeia, a escassez da caça, da pesca e dos frutos coletados na floresta no entorno do local de moradia. Por sua vez, as roças duram um tempo menor, cerca de quatro anos. Contudo, logo após o seu abandono, ainda são visitadas para colheita de vários

produtos, entre eles a banana, a cana de açúcar, o algodão, o urucum, as canas de flechas. Ou seja, as aldeias atuais guardam uma relação intrínseca com as aldeias antigas, seja porque estas últimas são sempre locais de habitação de parentes ascendentes da população atual, seja porque são locais onde hoje esta mesma população obtem recursos necessários à sua sobrevivência. Toda aldeia é composta de várias unidades residenciais, cada uma abrigando uma família nuclear e, às vezes, uma família extensa. As casas estão dispersas numa grande clareira, e há uma tendência a se situar de acordo com a regra de residência matrilocal, isto é, os genros se instalam do lado da casa do sogro e da sogra, às vezes, nos primeiros anos de casamento, moram junto com suas mulheres e filhos pequenos dentro da casa do sogro e da sogra. Na parte de trás da aldeia, em direção à área de floresta, situam-se as roças familiares. Na frente da aldeia, está o rio ou o igarapé principal, que é uma unidade de recurso crucial para a sobrevivência do grupo.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS:

Na sua longa ocupação da bacia do rio Trombetas, os grupos indígenas ali instalados desenvolveram uma complexa forma de relação com o meio ambiente, manejando seus recursos de forma a garantir os itens necessários à sua sustentabilidade. Os diversos grupos indígenas da TI Kaxuyana-Tunayana utilizam fundamentalmente os rios da região (Nhamundá, Mapuera, Cachorro, Trombetas, Turuni, Kuhá, Kaspakuro) como local no qual obtêm seus principais recursos de sobrevivência (caça, pesca, coleta, material para construção de casas e cesterias etc.), onde constroem suas aldeias ou ainda como caminho para se locomover. Num território praticamente coberto na íntegra pela floresta tropical, sem estradas, os índios usam fundamentalmente as canoas (antigamente feitas de casca de árvore, hoje de tronco de árvore cavado e queimado) como meio de transporte nos rios, que apresentam invariavelmente corredeiras e cachoeiras no seu percurso. Para os indígenas da TI Kaxuyana-Tunayana não é possível abrir novas roças em qualquer lugar. É preciso encontrar um local de terra fértil e macia, que não alague no período da cheia dos rios, e também que esteja livre de pragas e parasitas de plantas. Além disso, sempre é preferível um local onde haja árvores cujas madeiras poderão ser aproveitadas como lenha ou como matéria-prima para bancos, canoas, habitações. As qualidades da terra para abertura de roças são: i) Lugar de terra firme: lugar onde não tem saúva, a floresta é mais aberta; onde não alaga; e onde não há indícios de capivaras; ii) Lugar de terra preta: onde não há piçarra; o chão é mole; e não há pedregulho; iii) Lugar onde há madeira boa para lenha; iv) Lugar onde há plantas indicadoras de terra fértil: cedro-branco, cedro-vermelho, maçaranduba, cupiúba. As atividades produtivas dos índios da TI Kaxuyana-Tunayana são anualmente cíclicas, com momentos de maior ou menor intensidade de investimento de tempo para cada tipo de recurso. O calendário de atividades destes indígenas está intimamente relacionado com os padrões pluviométricos (na região, o verão, período de estiagem, vai de agosto a dezembro, o inverno, período chuvoso, vai de janeiro a julho): i) caça de primatas (janeiro a julho); ii) caça de demais animais (janeiro a dezembro); iii) pesca de peixes maiores, bagres, peixe-cachorro (janeiro a julho); iv) pesca de peixes menores, de escama e crustáceos (julho a dezembro); v) seleção de área para novo roçado (maio a julho); vi) abertura de clareira para roça (agosto a setembro); vii) queima para roça (setembro a outubro); viii) plantio de mandioca e macaxeira (outubro a novembro); ix) plantio de demais tubérculos (setembro a novembro); x) plantio de demais cultígenos (setembro a novembro); xi) colheita de mandioca e macaxeira (junho a dezembro); xii) colheita de demais tubérculos (julho a novembro); xiii) colheita de demais cultígenos (janeiro a dezembro). A mandioca brava é o principal item cultivado e faz parte da alimentação diária da população indígena, quando é processada para a produção de farinha, beiju e uma grande quantidade de bebidas. Outros itens cultivados e que servem para a alimentação ou produção de artefatos são: macaxeira, banana, batata-doce, cará, inhame, inhame-preto, “batata-pequena”, “inhame com espinhos”, abacaxi, curauá, cana-de-açúcar, jerimum, milho, mamão, pimenta, melancia, “maracá”, cabaça, urucum, cuieira, caju, coco, limão, laranja, abacate, manga, goiaba, algodão, capim-santo. Os principais frutos ou itens vegetais de coleta, são: sorva, maracujá-do-mato, castanha-do-pará, piquiarana, jutaí-miúdo, jutaí-do-mato, vários tipos de abiu, ingá-do-mato, tucumã, açai, bacaba, buriti, embaúba, sororoca, louro, cupiúba, paxiúba, breu, ubim. Os principais animais caçados são: macaco-aranha, guariba, macaco-prego, macaco-caiarara, cuxiú, parauagu, sagüí-de-mãos-douradas, mico-de-cheiro, jupará, coati, preguiça-real, preguiça, coatipuru (esquilo), irara, porco-espinho, tamandua-bandeira, tamandua-mirim, anta, queixada, caititu, veado-mateiro, veado-catingueiro, paca, cutia, cutiara, capivara, tatu, muçã, jabuti. A principais aves caçadas são: jacamim, mutum, jacu, pato-do-mato, tucano, inambu grande, arara, inambu pequeno, gavião-real, kujubim, araraçu, aracuã, pombo, mergulhão, papagaio, pica-pau, garça, urubu-rei, saracura, pavãozinho-do-pará, surucuã. A castanha-do-pará coletada pelos

indígenas da TI Kaxuyana-Tunayana representa um importante item de comércio com a sociedade envolvente. Geralmente coletada a partir de abril até o mês de junho, a castanha-do-pará é vendida para atravessadores na vila quilombola de Cachoeira Porteira ou diretamente para comerciantes da cidade de Oriximiná. Outra fonte de renda importante é aquela proveniente da venda de artesanato, dentre os quais: colares, pulseiras, saias, brincos feitos a partir de sementes de morototo ou de miçangas de conchas de vidro, diademas, raladores de mandioca, cesteria.

IV - MEIO AMBIENTE:

A Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana está inserida no Cráton Amazônico que possui idade transamazônica (~2.000 Ma). Na área afloram rochas cristalinas do Complexo Guianense, rochas vulcânicas e plutônicas do Supergrupo Uatumã, sedimentos de baixo grau metamórfico da Formação Roraima e sedimentos quaternários das planícies fluviais. A vegetação predominante da região é do tipo Floresta Ombrófila Densa Submontana com faixas de Floresta Ombrófila Densa Aluvial. A Floresta Ombrófila Densa Submontana, também conhecida por floresta pluvial de baixas e médias altitudes, possui formações fitofisionômicas compostas por árvores de médio a alto porte, onde muitas árvores emergentes superam o dossel médio de 50 metros. Segundo diversos estudos, a riqueza de espécies de mamíferos varia entre 120 e 195 espécies. Já a fauna de aves alcança uma riqueza que varia entre 244 e 700 espécies. Há, ao menos, 150 espécies de répteis e 61 espécies de anfíbios. A TI Kaxuyana-Tunayana é hoje muito preservada, há pouca ação humana que altere o equilíbrio do meio ambiente. Na verdade, a área já foi intensamente povoada e ocupada pelos indígenas, ao longo da história e quando não havia ali a presença das frentes de expansão da sociedade nacional. A forma de ocupação tradicional dos índios e suas atividades produtivas, mesclando a pequena agricultura de coivara com a caça-pesca e a coleta, foi a grande responsável pela manutenção deste sistema local “homem-natureza” em equilíbrio. Na beira dos rios ou nas suas proximidades (dentre eles, Nhamundá, Trombetas, Mapuera, Cachorro, Kuhá, Kaspakuro, Turuni), estão hoje localizadas as 17 aldeias da TI Kaxuyana-Tunayana. Portanto, tais cursos d’água são locais fundamentais onde os índios têm acesso à água para beber e tomar banho, além de serem locais onde eles conduzem suas atividades de pesca e caça cotidiana. Uma boa parte das roças também está situada próxima às aldeias, e, portanto, situada também próxima aos afluentes principais. Contudo, muitas das atividades de caça, pesca e coleta são realizadas nos afluentes secundários, bem como em outros pequenos cursos d’água ou igarapés, nos lagos e baixios inundados, todos situados mais no interior da Terra Indígena. A área de perambulação dos índios isolados também está situada na região de cabeceiras dos rios. Além disso, muitos dos recursos utilizados na sua vida cotidiana, como madeiras e palhas empregadas na construção das casas, são buscados na região de terra firme ou mesmo na montanha. Desta forma, os índios da TI Kaxuyana-Tunayana reconhecem outras unidades de paisagens (além dos rios) de onde eles retiram uma grande quantidade de itens necessários ao seu bem estar econômico e cultural, quais sejam: terra firme; igapó; montanha; capoeira; beira do rio; ilha; terra plana; floresta suspensa sobre o rio; nascente de igarapé; lago. Grande parte dos recursos faunísticos e florísticos de uso dos índios são encontrados nestas paisagens: além dos frutos, da caça e da pesca, foram citados, dentre outros, madeira, lenha, palhas, remédios, tinturas, cipós para amarras. No interior da TI ora delimitada, os Kaxuyana, Tunayana, Kahyana, Tikiyana, Katuena, Xereu-Katuena, Mawayana, Xereu-Hixkaryana e isolados utilizam diversas unidades de paisagem complementares, que oferecem recursos naturais fundamentais para sua reprodução física e cultural.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL:

De acordo com os levantamentos mais antigos realizados por viajantes e antropólogos é possível oferecer um quadro geral do abalo demográfico no início do século XIX e da recuperação da população nas três últimas décadas. Desta forma, só para o grupo Kaxuyana, os viajantes calcularam uma população em torno de 500 pessoas no início do século XX. Na década de 1920, tais índios foram vítimas de uma grande epidemia de sarampo, disseminada por meio do contato com os colonizadores ocidentais, e a população foi reduzida para 60 pessoas em 1948, e chegou a 75 em 1968, ano em que ocorreu o deslocamento do rio Cachorro para o rio Nhamundá e para a Missão Tiriýó. Daí em diante, a população Kaxuyana começou a se recuperar: em 1979 eram mais ou menos 95 índios Kaxuyana vivendo de forma separada naquelas duas localidades, o que significa uma recuperação de 26,6 % ao longo de 10 anos. Já em 2010, a população kaxuyana chegou ao número absoluto de 454 pessoas, uma recuperação média a cada 10 anos de 125%. Portanto, em 2020, podemos fazer a projeção de 1021 pessoas, no total, para a população kaxuyana. O mesmo tipo de avaliação e projeção de recuperação da população para o caso kaxuyana pode ser extrapolado para os outros grupos indígenas habitantes da TI Kaxuyana-Tunayana (Tunayana, Katuena, Kahyana, Tikiyana,